



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

LOIS LENNE TABAIANO PEREIRA

**A REPRESENTAÇÃO DA PERIFERIA NA OBRA *CAPITÃES DA AREIA* DE
JORGE AMADO**

Presidente Dutra - MA

2020

LOIS LENNE TABAIANO PEREIRA

**A REPRESENTAÇÃO DA PERIFERIA NA OBRA *CAPITÃES DA AREIA* DE
JORGE AMADO**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Português da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra/CESPD como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Profa. Maria Odete da Silva Lima

Presidente Dutra - MA

2020

Pereira, Lois Lenne Tabaiano.

A representação da periferia na obra Capitães da Areia de Jorge Amado / Lois Lenne Tabaiano Pereira. – Presidente Dutra, MA, 2020.

31 f

Monografia (Graduação) – Curso de Letras, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, Universidade Estadual do Maranhão, 2020.

Orientador: Profa. Esp. Maria Odete da Silva Lima.

1.Injustiça. 2.Infância. 3.Pobreza. 4.Classes. 5.Marginalização. I.Título.

CDU: 821.134.3(81).09

LOIS LENNE TABAIANO PEREIRA

**A REPRESENTAÇÃO DA PERIFERIA NA OBRA *CAPITÃES DA AREIA* DE
JORGE AMADO**

APROVADA EM: 13 / 11 / 2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Maria Odete da Silva Lima
Professora Orientadora

Prof. Esp. Antônio Karine do Nascimento Rosendo
EXAMINADOR 1

Prof. Esp. Wideglan Marques Sousa Bezerra
EXAMINADOR 2

Dedico esta monografia primeiramente ao Senhor Deus que fizeste o Céu e a Terra, e sem o nosso Senhor nada é consagrado, e em seguida ao amor da minha vida, minha filha Alice Almeida, por ser minha companheira, a grande colaboradora e incentivadora para meu crescimento e aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Senhor Deus que fizeste o céu e a terra, com sua criação divina, quero agradecer ao Senhor pela a oportunidade de chegar até aqui e com as oportunidades de estudo durante a minha vida acadêmica e sem sua permissão nada seria feito.

Agradeço a minha família em especial meu esposo Jardeson de Almeida Pereira que sem seu apoio e suporte não seria possível estar aqui, agradeço as minhas amigas Flávia Guadalupe Araújo Assunção e Izabel Cristina C. Silva que me deram força e motivação nesta longa caminhada.

Deixo aqui os meus verdadeiros e sinceros agradecimentos ao Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra – CESP/D/UEMA, por ter me recebido de braços abertos e por cada profissional que fez parte da minha trajetória, durante a minha formação acadêmica.

“...Lá fora é a liberdade e o sol. A cadeia, os presos na cadeia, a surra ensinaram a Pedro Bala que a liberdade é o bem maior do mundo. Agora sabe que não foi apenas para que sua história fosse contada no cais, no mercado, na Porta do Mar, que seu pai morrera pela liberdade. A liberdade é como o sol. É o bem maior do mundo”

(Jorge Amado)

RESUMO

Este trabalho trata da obra Capitães da Areia como instrumento de denúncia social, focalizando na representação da periferia, classe baixa, através das experiências vividas no cotidiano dos menores abandonados. O trabalho objetiva investigar como a pobreza, o abandono, a infância roubada e as negligências sociais influenciam diretamente no processo de marginalização. A narrativa mostra uma sociedade marcada pelo preconceito e opressão com as classes baixas, entre tanto foi possível identificar o desejo de superação para uma vida melhor com demonstração de afeto, respeito e a busca pela dignidade dos personagens envolvidos. A pesquisa possibilitou reflexões sobre as injustiças sociais e a discriminação da população baiana. Mas, apesar das condições desfavoráveis, os protagonistas conseguiram superar sua condição de marginal e ascender como representantes em luta pelos direitos dos pobres da periferia baiana.

Palavras-chave: Injustiça, Infância, Pobreza, Classes, Marginalização.

ABSTRACT

This work deals with the work *Capitães da Areia* as an instrument of social denunciation, focusing on the representation of the periphery, lower class, through the experiences lived in the daily lives of abandoned children. The work aims to investigate how poverty, abandonment, stolen childhood and social neglect directly influence the process of marginalization. The narrative shows a society marked by prejudice and oppression with the lower classes, however it was possible to identify the desire to overcome for a better life with demonstration of affection, respect and the search for the dignity of the characters involved. The research enabled reflections on social injustices and discrimination against the Bahia population. But, despite the unfavorable conditions, the protagonists managed to overcome their condition of marginal and rise as representatives in the struggle for the rights of the poor of the baiana periphery.

Key words: Injustice, Childhood, Poverty, Classes, Marginalization.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PRECONCEITO E CONFLITO DE CLASSES	13
2. 1 Marginalização dos mais pobres.....	17
3 O SOCIAL BASEADO NA INFÂNCIA	20
4 INFÂNCIA DUPLAMENTE ROUBADA	24
5 NEGLIGÊNCIA CONTRA O BEM ESTAR SOCIAL	28
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

1 INTRODUÇÃO

A literatura foi influenciada pelas mais diversas vertentes Europeias. Ela consiste em uma arte veiculada a diversos fatores que possibilitam o leitor e o escritor a vivenciar e imaginar situações que causam sensação de extrema liberdade.

Antônio Candido em seu livro *Literatura e Sociedade* (2006, p. 84) afirma que “a literatura é, pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a.” E assim em *Capitães da Areia*, o obra transporta o leitor para o cenário da narrativa, possibilitando-o vivenciar cada experiência, emoção e sentimento dos personagens. Amado reflete ainda no Romance como o capitalismo serve como meio condutor de opressão para as classes baixas alimentando as desigualdades sociais.

Para o estabelecimento das discussões e reflexões foi realizada uma pesquisa bibliográfica com aporte teórico em Antônio Candido, Flávio Kothe, Kuhlmann, Duarte, Goldstein, e outros, que consiste em investigar, a partir da leitura da obra *Capitães da Areia*, como a marginalização, negligência, infância negada entre outros fatores, contribuíram para a decadência e ascensão das crianças e jovens que representam a periferia baiana na obra *Capitães da Areia* do escritor baiano de Jorge Amado.

A obra traz em seu contexto denúncias sociais, preconceito de classes e a temática da infância voltada para o contexto social. O romance foi escrito em um período de grande conturbação política, em meio a um período chamado Estado Novo, com um governo liderado por Getúlio Vargas onde perseguições, tensões e prisões eram constantes nesse período. Duarte (2004, p 40) Ressalta:

: “[...] surgia, na literatura brasileira, um livro marcado pelo estigma da incineração pública. Censurado e perseguido no momento de seu lançamento, *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, surge às vésperas da decretação do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937”.

Os jovens que se denominam com o nome *Capitães da Areia* pertencem a uma classe social estigmatizada e esquecida pela sociedade e pelo Estado. Eles roubavam e furtavam para sobreviver e eram vistos como um grupo de marginais

que ameaçavam a paz e a integridade da sociedade. Sem direitos ou qualquer tipo de assistência adequada, sem qualquer tipo de conceito sobre infância, lar ou moralidade, viviam a mercê da própria sorte para sobreviver na grande Bahia.

Neste trabalho veremos ao longo de cada etapa como se deu o desenvolvimento dos meninos integrantes do bando Capitães de Areia, livro do saudoso Jorge Amado, e identificar as mazelas e dificuldades encontradas nas vidas desses jovens que desprotegidos e sem qualquer auxílio tiveram que roubar e trapacear para ter o que comer e Pedro Bala, líder que tinha a responsabilidade de manter e organizar todo o bando.

Veremos também como a periferia é representada através dos jovens Capitães, as desigualdades das classes, em que os Capitães da Areia estrelam como atores protagonistas que vivenciam a dura realidade, um cenário marcado pelo descaso social, marginalização e que mesmo com todo esse caos, esses jovens lutam por essa cidade, pelos direitos dos pobres, pela sua própria sobrevivência, tinham ainda humanidade infantil, eram solidários tinham códigos morais próprios, os quais eram necessários para a proteção e bem estar do grupo.

2 PRECONCEITO E CONFLITO DE CLASSES

Quando Publicado em 1937, a obra capitães da areia, o Brasil passava por um perturbado período de conturbações políticas em vários campos, inclusive na literatura. O período denominado Estado Novo surgiu em meio a um golpe de Estado em que Getúlio Vargas assume como único governante do Brasil. A centralização e imposição do poder travou lutas que visavam combater tais medidas ditatórias.

Denominada também de Estado Novo, prolongou-se até 1945, durante o qual se verificaram evidentes restrições de liberdades individuais e coletivas no País; houve a outorga da Constituição Federal de 1937; concretizam-se perseguições políticas e restrição de direitos. Tudo isso em um ambiente de populismo trabalhista e de orquestração da propaganda oficial para exaltar a figura do ditador Getúlio Vargas, que chegou a ser denominado de Pai dos Trabalhadores. O ambiente político de então, ao incluir em sua trama os movimentos grevistas de trabalhadores das docas da Bahia. João de Adão, líder dos doqueiros, e Loiro, morto durante manifestações grevistas e pai de Pedro Bala, um dos Capitães, são personagens que encarnam a luta dos trabalhadores. (PINHEIRO, 2010)

Neste período foram queimados vários exemplares em praça publica da obra capitães da areia, que trazia em seu contexto denúncias sociais às sombras de um grupo de meninos marginais que aterrorizam a cidade de Salvador e eles são conhecidos como capitães da areia. Chefiados por Pedro bala o grupo ocupava um trapiche abandonado na praia que eram formadas e nele habitavam muitas crianças.

...aqueles meninos, moleques de todas as cores e idades as mais variadas, desde os nove aos dezesseis anos, que á noite se estendiam pelo assoalho e por debaixo da ponte dormiam, indiferentes ao vento que circundava pelo casarão uivando, indiferentes à chuva que muitas vezes os lavava, mas com os olhos puxados para as luzes dos navios, com os ouvidos presos às canções que vinham das embarcações... (AMADO, pág. 26).

Os Anos trinta foram marcados por diversas revoluções e greves planejadas e executadas por vários estudantes com ideologias Europeias e que buscavam lutar pelos seus direitos e lutar contra o poderio de Getúlio Vargas. O Romance de cunho regionalista ainda utiliza uma linguagem simples e denuncia uma realidade cruel e triste.

Dentro do que podemos chamar de paradigma crítico, algumas obras literárias são atemporais, não têm caráter peremptório, a exemplo desta obra Amadiana, publicada em 1937,

que traz uma denúncia de um sistema social perverso em relação à população infanto-juvenil, infelizmente ainda vigente. Capitães da Areia é a obra literária que trouxe o principal testemunho cultural do impacto exercido pela forte presença das crianças nas ruas. A leitura e a análise da narrativa remetem a uma reflexão sobre a falta de um posicionamento mais contundente da sociedade em relação à divisão de classes. A narrativa é um poema em prosa, lírica e crua, com ações narradas sem literalismo, constitui-se metaforicamente num documento-denúncia e foi lançada num contexto político delicado (FIGUEIREDO, 2010, p. 1).

Dessa maneira, a narrativa aborda outras temáticas envolvendo saúde, estupro bandidagem, giram em torno de uma sociedade que segue e ordena padrões, marginalizam e estigmatizam os menos favorecidos, aspectos que influenciam diretamente no psicológico e desenvolvimento social daqueles que são vítimas de tais padrões.

A literatura ensina, educa e proporciona conhecimento tanto para o escritor quanto para o leitor e os faz viajar por mundos inimagináveis, a obra literária transmite sentimentos, emoções. As inserções das cartas e das reportagens mostram um composto de gêneros incluso no romance, uma característica do modernismo, que através da verossimilhança dão um toque de realidade, nos faz acreditar que esses meninos realmente existem. Proporciona ao leitor vivenciar e sentir cada experiência protagonizada pelos jovens Capitães da Areia.

Amado trabalha, mesmo que de forma secundária, as lutas de grevistas operários que nas docas da Bahia levantam os braços e gritam pelos seus direitos, dessa forma a classe operária e a classe média se fortaleceram e puderam participar cada vez mais da política. Na narrativa esse período é retratado no capítulo XXV: “São condutores de bondes, negros fortes, mulatos risonhos, espanhóis e portugueses, que vieram de terras distantes. São eles que levantam os braços e gritam iguais aos Capitães da Areia. A greve se soltou na cidade.” (AMADO, 2009, p.250-251)

A luta dos trabalhadores por seus direitos somados à força dos estudantes em prol dessas lutas é um ponto muito interessante para se destacar, pois “A greve é o ponto culminante do livro (...) porque as antenas do escritor estavam ligadas no que era fundamental em termos de aspirações dos trabalhadores” (DUARTE, 1995, p. 135).

A sociedade, regida pelo sistema capitalista, gera as divisões de classes ocasionando a pobreza e abandono, a orfandade e consequentemente a vivência

nas ruas, como é o caso dos capitães da areia que vivenciam estas mesmas situações e que se apresentam como representantes de um povo que sofre com as desigualdades e opressões, Amado leva o leitor a refletir e conscientizar-se de como as classes oprimidas vivem em situação de extrema miséria, como os meios de comunicações, o jornal, que servem às classes dominantes, e que acabam colocando a culpa de todos os problemas sociais nos moleques do velho Trapiche, espalhando injustiças e oprimindo ainda mais estes jovens.

A figura de Pedro Bala representa um jovem líder que luta pelo bem estar do seu grupo, já sofreu nas mãos da sociedade, quando fora levado para o reformatório, foi recebido com muita hostilidade, apanhava muito, era mal tratado não tinha liberdade alguma, liberdade mesmo só nas ruas.

O personagem de Pedro Bala nos é apresentado como um menino que desde cedo explora a cidade e a conhece como a palma de sua mão. Desde cedo vive perambulando nas ruas da Bahia, desde cedo foi obrigado a aprender a sobreviver em meio a uma sociedade preconceituosa e opressora, não é um menino é mais um homem, é o líder dos Capitães da Areia o mais temido dos membros.

No decorrer da narrativa os Capitães da Areia cometem vários crimes que o narrador justifica que são vítimas das condições sociais do abandono, da pobreza das delinquências:

“eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. Mas, no entanto, eram bons, uns eram amigos dos outros. Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa, nem pai, nem mãe, a vida deles era uma vida sem ter comida certa e dormindo num casarão quase sem teto. Se não fizessem tudo aquilo morreriam de fome [...]” (AMADO, 2009, p. 106).

Portanto, a aliança entre a alta sociedade, as classes privilegiadas e as instituições visam excluir e por às margens as classes sociais subalternas, em que a pobreza sempre estará ligada à marginalização e à violência e consequentemente à criminalidade. Para Carlos Alberto M. Pereira: “como fenômeno social, a violência abriria a possibilidade de negociação, de redefinição do entendimento da realidade, permitindo, em última instância, construir um novo conceito sobre uma dada realidade” (2000, p. 21).

Assim, Capitães da Areia visa instruir homens e crianças estigmatizados pelo capitalismo, pondo em primeiro lugar o oprimido, dado a sua situação emergencial

na cena social. O oprimido não é apenas um protagonista da narrativa, mais sim um ser real que luta conta à opressão e o descaso social.

O romance foi o primeiro da literatura a representar a infância e a situação dos meninos abandonados nas ruas da Bahia, além da carência de afeto e desigualdades sociais.

O romance dos meninos de rua recupera o ímpeto romanesco e heroificador dos humildes adotado desde Cacau. Os pequenos bandidos chefiados por Pedro Bala surgem acima de tudo como vítimas de uma sociedade opressora e hipócrita. A violência que praticam é inscrita no texto quase sempre como justa e, mesmo, necessária - uma resposta à violência econômica sofrida pelos de baixo e transformada em agressão sádica quando praticada pelo aparelho repressivo. O romance toma o partido dos, já àquela altura, considerados menores, mas para fazê-los maiores. Eles se engrandecem no drama do Sem Pernas, que prefere o suicídio ao reformatório; no arrependimento culpado de Pedro Bala, quando se coloca no lugar de sua vítima; e, como não poderia deixar de ser, no momento em que o grupo retifica sua prática e avança rumo às lutas sindicais e política (DUARTE, 1996).

A obra reflete as grandes desigualdades que a periferia Baiana vivia através dos Capitães da Areia, menores abandonados, crianças que não possuíam afeto ou respeito, são obrigadas a serem fortes para resistir às punições, ao opressor estado, à polícia, era necessário agir como um adulto, pois eram tratados como adultos.

2. 1 Marginalização dos mais pobres

O Romance retrata a vida de jovens abandonados, e evidenciam desigualdades sociais que levaram à marginalização. O enredo da obra se inicia com uma série de reportagens sobre um grupo de meninos marginais que aterrorizam a cidade de Salvador e eles são conhecidos como Capitães da Areia.

As aventuras sinistras dos capitães da areia. A cidade infestada por crianças que vivem do furto. Urge uma providencia do juiz de menores e do chefe de policia. Ontem houve mais um assalto (AMADO, 2009, p. 9).

A narrativa gira em torno das travessuras desse grupo que basicamente sobrevive de furtos e roubos. Porém, apesar de certa linearidade, a historia é contada em função dos destinos de cada integrante do grupo.

O bando Capitães da areia é chefiado por Pedro Bala, descrito na obra como um menino de cabelos loiros e com uma cicatriz vermelha no rosto, que ganhara em um aluta pela chefia do grupo, era muito ágil e habilidoso seu pai morrera em uma greve no cais. Pedro Bala desde muito cedo perambula e sobrevive pelas ruas da Bahia.

Outro personagem que merece destaque na obra era o professor, o único dentre os meninos que sabia ler, algumas vezes lia história para os outros meninos e até inventava algumas. Outro personagem que compõe o grupo é Gato, era um menino muito bonito e também muito malandro, com sua sexualidade bem avançada, ele se envolve com uma prostituta chamada Dalva com quem desenvolve um relacionamento.

Outro personagem importante é Sem Pernas, um dos personagens mais conflituosos emocionalmente, passou a ser um jovem amargo e que odiava a tudo, pois já havia passado pelas mãos da polícia e sentiu na pele a hostilidade de ser um menino de rua. Por ser manco, o apelido se remete à sua deficiência, muitas vezes era usado nos assaltos a casas, ele usava sua condição para conseguir abrigo nas casas dos ricos, engenhosamente estudava tudo o que tinha valor e depois abria as portas para o bando conseguir entrar e roubar os pertences de valores.

Entre outros personagens tem Volta Seca, que seria a representação do povo sertanejo, e se dizia cangaceiro e afilhado de Lampião. Pirulito era um menino com apego religioso, tinha o sonho de ser padre, foi a porta de entrada do Padre José Pedro para conhecer o bando. Boa Vida, como o próprio nome já diz era um menino

conformado com que tinha, vivia na moleza não gostava de trabalho pesado. João Grande não um dos mais inteligentes, mas tinha respeito dos demais do grupo por sua coragem e tamanho, tinha enorme força muscular.

O padre José Pedro também acaba sendo um personagem muito importante na obra, pois era um dos poucos adultos que de fato tinha apreço pelos jovens capitães. A igreja católica, instituição e religião predominante da época, não tinha qualquer interesse de envolvimento com os marginais, ao contrário, o padre José Pedro se importava com essas crianças, pois via que eles eram resultados de toda a miséria e preconceito, era o único religioso que se importava com os meninos, pois acreditava que eles tinham salvação e tinha um coração bom, catequizá-los era um sonho do humilde padre.

Em certo momento da narrativa, a varíola passa a assustar os moradores da cidade. A periferia é a mais afetada, e nessa altura, surgem Dora e Zé Fuinha, cuja mãe morreu por causa da doença, pois não havia como descansar e se recuperar, pois tinha que trabalhar para sustentar a família, mesmo doente trabalho, depois morre. Dora surge em meio aos Capitães da Areia que de início tiveram certa relutância em aceitá-la, mais ganhou o carisma do grupo, foi mãe, irmã e esposa de Pedro Bala, tornou-se uma Capitã da Areia.

A narrativa tange um ponto importante, a pobreza, um aspecto crucial que marginaliza os menos favorecidos, cada personagem protagoniza de forma realista como a periferia Baiana era tratada, como os direitos eram válidos apenas para os ricos e os pobres por sua vez tinham que viver de migalhas e as crianças que não tinham famílias viviam nas ruas, roubando para sobreviver, sendo taxados como marginais.

O cenário marcado pela pobreza é o ambiente no qual a marginalização nasce e cresce. O abandono, a falta de instrução e as condições indignas são consequências de um povo marcado pela desigualdade social. Historicamente, as classes dominantes sempre mantiveram o monopólio das ideologias, no entanto reproduzir a sociedade, levando em conta apenas a aparência construída pelos interesses dominantes, desconhecendo seus problemas, seria negar sua estrutura interna, ao passo que não se pode olvidar que a classe alta se afirma à custa do rebaixamento da classe baixa (KOTHE, 2000, p. 85)

Em um ambiente de fome, criminalidade, pobreza e desprezo social, onde a polícia é uma ameaça constante e sociedade capitalista um perigo eminente, os jovens capitães se aventuram e lutam pela sua sobrevivência. A falta de estrutura familiar e dos primeiros conceitos de moralidade são aspectos que influenciam diretamente na marginalização dos mais pobres e as classes altas surgem como dominante em cima dessas deficientes das classes baixas.

A discriminação também é um fator que marginaliza esses jovens, pois eram constantemente discriminados não recebiam ajuda a não do padre José Pedro e da mãe D'santo dona Ana que apesar de verem esses meninos praticando crimes viam também bondade no coração deles e que eles eram apenas vítimas do descaso social e desigualdades que assolavam a cidade da Bahia.

Don' Aninha era magra e alta, um tipo aristocrático de negra, e sabia levar como nenhuma das negras da cidade suas poupas de baiana. Tinha o rosto alegre, se bem bastasse um olhar seu para inspirar absoluto respeito. Nisso se parecia com o padre José Pedro (AMADO, 2009, p. 94).

O padre José Pedro não era considerado uma grande inteligência entre o clero. Era mesmo um dos mais humildes entre aquela legião de padres da Bahia. [...], porém seu grande desejo era catequizar as crianças abandonadas da cidade, os meninos que, sem pai e sem mãe, viviam do roubo, em meio a todos os vícios. (AMADO, 2009, p. 71).

Ambos eram amigos dos capitães da areia, pois se compadeciam com as situações desses meninos e ajudavam no que podiam apesar de serem de religiões diferentes os dois sempre se juntavam e trabalhavam para ajudar os jovens.

3 O SOCIAL BASEADO NA INFÂNCIA

Sem dúvidas, Jorge Amado foi um dos mais conhecidos e reconhecidos escritores brasileiro, muito renomado e com uma vida muito agitada. Amado nasceu no ano de 1912 foi alfabetizado pela sua mãe, pouco depois ingressa no colégio dos padres jesuítas onde ele começa a despertar a paixão pela literatura e pelos livros.

Sendo sempre um indivíduo extremamente ativo, quando tinha treze anos, ele foi do colégio interno em Salvador na Bahia e se aventurou por dois meses no interior do estado. “Eu tinha menos de 13 anos naquela época. Foi uma coisa muito importante para mim essa fuga (...) eu atravessei todo o sertão da Bahia até Sergipe (AMADO 1981, p. 8) Anos depois ele começou a trabalhar em um jornal onde ele escreveu seu primeiro romance, e pouco depois seu primeiro livro “O país do carnaval”.

Por volta de 1930, Amado fez amizade com inúmeras personalidades da política e nesse mesmo período, Rachel de Queiroz, lhe apresentou aos ideais comunistas.

Em meados dos anos 30, Jorge Amado fez uma longa viagem pelo Brasil, pela América Latina e pelos Estados Unidos, durante a qual escreveu *Capitães da Areia*. Ao retornar, foi preso devido à supressão da liberdade política decorrente da proclamação do Estado Novo (1937-50), regime de exceção instituído por Getúlio Vargas. Em Salvador, mais de mil exemplares de seus livros foram queimados em praça pública pela polícia do regime. (Caderno de literaturas de Jorge Amado, p.81).

Casou-se com Matilda Garcia Rosa em 1933 com quem teve uma filha. Em 1944, Jorge Amado separou-se de Matilde, após onze anos de casamento. Em 1945 conheceu Zélia, no mesmo ano foi eleito deputado federal pelo PCB para a Assembleia Constituinte.

A partir do final da década de 50, a literatura de Jorge Amado passou a dar mais relevo ao humor, à sensualidade, à miscigenação e ao sincretismo religioso. Apesar de não terem estado ausentes de sua literatura, esses elementos passam agora a ocupar o primeiro plano, e seus romances apresentam um posicionamento político mais nuançado. (Caderno de literaturas de Jorge Amado p.83)

Nesse Período Amado passou a interessar-se por romances Afro-brasileiros, essa sua nova fase da literatura a figura feminina passou a ganhar protagonismo e

destaque que ganharam vez nas telas dos cinemas por sua sensualidade e empoderamento.

Sobre a sua linguagem segundo GOLDSTEIN (2008, p.11) o encontro entre vida real e ficção percorre grande parte da obra do autor. “Essa fusão permite ao leitor, acompanhar diferentes temas tratados na ficção que, direta ou indiretamente, remetem ao mundo em que vivemos.”

Amado sempre se atentou a tudo, a todos os aspectos relacionados ao seu amado Brasil, desde a cultura, épocas, estilos, as diferentes linguagens, cada tema, personagem ou cenário eram único, despertava o gosto pela narrativa, ambos tecendo uma ponte entre o real e o fictício.

A injustiça social, a vida real e o fictício, a verossimilhança e a valorização da cultura popular, foram recursos usados engenhosamente dentro de cada obra.

A problemática da infância é um assunto extremamente sério. O problema das crianças e adolescentes em situação de abandono e voltadas à marginalidade tem sido objeto de estudo em inúmeras pesquisas no Brasil e no mundo.

Gilberto Dimenstein, jornalista e escritor, preocupado com os problemas da infância e da adolescência nos dias de hoje, faz a seguinte afirmação em seu livro *O Cidadão De Papel*:

A criança é o elo mais fraco e exposto da cadeia social. Se um país é uma árvore, a criança é um fruto. E está para o progresso social e econômico, como a semente para a plantação. Nenhuma nação conseguiu progredir sem investir na educação, o que significa investir na infância. Por um motivo bem simples: ninguém planta nada se não tiver uma semente (DIMENSTEIN, 1995, p.8, apud by Hicléa Luzia Costa Ton Pauletti e Altamir Botoso)

Conforme Dimenstein havia várias situações de problemas sociais que aconteciam naquela época, jovens jogados á própria sorte, abandonados e indefesos, situações semelhantes ocorrem atualmente, um sinal triste de que a sociedade não fez progresso na resolução desses conflitos sociais, que jovens continuam nas ruas vivendo de mendicâncias, furtando e cometendo crimes para sobreviver em uma sociedade capitalista e preceituosa.

Dessa forma o autor objetiva mostrar a realidade das crianças e a sua importância para a sociedade e que tudo depende de um desenvolvimento social que seja bem sucedido, ou seja, é necessário estrutura e principalmente reconhecimento das necessidades dessas crianças.

Na Idade Média, as crianças eram vistas com um adulto em miniatura e exerciam atividades laborais e físicas com qualquer outro, com o tempo essa abordagem foi mudando de acordo com as necessidades e carências de proteção, foi no século XV que iniciou o processo de constituição de família, houve mudança nos costumes o que tornou tanto a sociedade quanto as pessoas mais civilizadas.

Dessa forma, ficou a cargo do adulto preparar e proteger as crianças, ensiná-las e resguardá-las de todo o mal e mazelas do mundo. Com o passar do tempo o sentimento e concepção de infância foi transformando-se de acordo com os costumes e da sociedade, surgindo várias teorias sobre o desenvolvimento infantil.

Contudo as concepções que infância, como categoria social, vão se adequando socialmente com diferentes períodos políticos, econômicos e social, moldado e imposto pelos padrões do capital.

A modernização influencia os padrões da infância, se uma criança logo cedo precisa assumir responsabilidades, logo terá que deixar de lado a infância e começar a agir como um adulto. Crianças que vivem nas ruas precisam assumir suas responsabilidades sem qualquer adulto ou familiar, seja por orfandade ou abandono elas têm que agir e se comportar como pequenos adultos, onde perceberemos mudanças significativas até mesmo no falar. Muitas desenvolvem maus hábitos e costumes que causam ameaças à paz social.

Assim, a partir dessa consciência surgiram casas de apoio cujo principal objetivo seria educar ou cuidar da moral das crianças tirá-las do mundo da vagabundagem, ensiná-las a serem crianças novamente.

As casas de apoio eram apenas para as crianças da classe baixa, que eram tratadas como um produto da pobreza:

“evidencia a representação da infância pobre e delinquente potencial. Mal alimentados e educados, no convívio das tabernas ou lupanares, não têm os primeiros exemplos da moralidade e se iniciam nas práticas dos crimes” (KUHLMANN Jr. 2002, p.485.)

A obra *Capitães da Areia* evidencia essas situações, a vagabundagem, a mendicância, ambos relacionados à situação econômica e social dessas crianças, assim tudo ocorre de forma muito prematura, o acesso ao álcool, fumo, o sexo, a perdas dos valores essenciais e necessários para esses jovens.

Amado mostra um padrão social em que não só crianças órfãs ou abandonas estão sujeitas ou vivem na marginalização, mais de um povo pobre, a classe baixa, que vive sujeito a uma situação de descaso, e que continuam a sofrer nas mãos de uma sociedade que estigmatiza e banaliza aqueles que não se encaixam ou servem para o seu meio.

4 INFÂNCIA DUPLAMENTE ROUBADA

Como citado no capítulo O SOCIAL BASEADO NA INFÂNCIA, na Idade Média as crianças não tinham infância, se quer eram consideradas crianças, eram apenas mais uma máquina de trabalho como muitos adultos, porém, com o passar dos tempos, com a evolução social e com a modernização esse conceito sofreu grandes alterações e as concepções de infância foram uma delas.

As crianças passaram a ser vistas como um ser frágil que necessitavam de proteção e passaram a ser preparadas para o futuro, com delicadeza e amor, contudo, com essa evolução trouxe também as desigualdades econômicas que moldaram as concepções de infância para a classe baixa.

Quando falamos em infância roubada, logo entendemos que a modernização favorece apenas as crianças que pertencem às classes altas, pois essas classes mantem sua riqueza e status através do trabalho árduo das classes baixas, dessa forma, crianças pobres desde cedo devem trabalhar para ajudar suas famílias, assumem responsabilidades que não são suas, mais que são necessárias para garantir o seu sustento e quando essas ficam órfãs por abandono ou morte dos pais, as dificuldades de sobrevivência ficam difíceis, pois além de não terem famílias ainda não tem um lugar para morar.

Na obra Capitães da Areia o velho trapiche era o único lar que os meninos tinham, e apesar das péssimas condições em que se encontrava era o único lugar que eles se sentiam seguros.

Durante anos foi povoado exclusivamente pelos ratos que o atravessavam em corridas brincalhonas, que roíam a madeira das portas monumentais, que o habitavam como senhores exclusivos. Em certa época um cachorro vagabundo o procurou como refúgio contra a chuva. Na primeira noite não dormiu, ocupado em despedaçar ratos que passavam na sua frente. Dormiu depois algumas noites, ladrando à lua pela madrugada, pois grande parte do teto já ruíra e os raios da lua penetravam livremente, iluminando o assoalho de tábuas grossas. [...] E os ratos voltaram a dominar até que os Capitães da Areia lançaram as suas vistas para o casarão abandonado (AMADO, 2009, p. 25-26).

As condições desumanas do trapiche não chegam nem perto na estrutura de um lar de verdade, mais para eles era tudo. Nas palavras de BACHELARD, (2008, p. 24) “a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro

cosmo”. E assim o Trapiche para eles era um refúgio onde eles se abrigavam e se sentiam bem, pois era o único lar que eles conheciam.

Em *Capitães da Areia*, Amado mostra que as leis existentes não eram adequadas para as crianças, se não há tratamento adequado para esses jovens, eles buscarão uma maneira de sobreviver e neste caso as atitudes tomadas serão de marginais cometendo crimes e ficando cada vez mais próximos da perda da infância, pois não há para eles outra forma de garantir a sobrevivência. Essas expressões e formas de agir os tornam marginalizadas, pois não há suporte adequado para que possam distinguir o certo do errado, o bom do ruim, não há estrutura ou conceitos morais e é nesse momento que a indagação persiste: Onde estão as autoridades governamentais neste momento? Não dão valor para as crianças?. Não.

O código de menores criado em 1927, batizado com o nome Código Mello Mattos, que era o nome do juiz responsável pelo projeto, surgiu em um período em que a onda de criminalidade cometida por jovens estava no auge, e ao invés de reeducar e regenerar esses jovens, claramente objetivava controlar esses crimes e comportamento agressivos praticados pelos menores.

O tema da infância abandonada e delinqüente, escandaloso para a época, [que] lembra o protesto social do romance naturalista em suas emanções proletárias. Por outro lado, o conflito que move o romance é basicamente folhetinesco: pobres contra ricos, fracos contra fortes, pequenos marginais contra a sociedade opressora. O insólito do folhetim se materializa nos rostos angelicais, porém, malvados; nos gestos inocentes encobrindo ou propiciando o roubo, a trapaça o estupro.

A violência, elemento caro ao *roman-feuilleton*, decorre do quadro de enfrentamento social vivido pelo protagonista e seu grupo. Ela é muitas vezes gratuita, outras tantas necessárias ou mesmo “justa”, segundo o código de valores da narrativa. Todavia sempre choca, visando a provocar emoções primárias de terror, piedade ou admiração. A violência é meio de ação dos mocinhos-bandidos, mas é também fim nas típicas atitudes de vingança do aparelho repressivo: sede, fome, espancamento, clausura. Em todo o texto, é enfatizado o sentido melodramático de pureza infantil “abandonada e perseguida” no labirinto da cidade degradante e degradada. (DUARTE, 1996, p. 114 -116)

Duarte ressalta que a forma como esses jovens atuam, seus atos de violência são em virtude da sua sobrevivência e proteção do seu grupo, são formas de protesto. A infância roubada e esquecida traz consigo a perda da afetividade e as desgraças familiares criam nesses jovens um perfil recluso, imoral e marginalizado.

Contudo, apesar de tanta desgraça e represálias eles ainda tinham uns ao outros, a parceria firmada e as leis do grupo eram sagradas e respeitadas por todos, aqueles que não seguiam as regras eram expulsos, podemos definir o bando como uma espécie mini sociedade organizada, pois tinham um líder e leis a seguir, tinham seus próprios códigos morais.

[...] acordou com um ruído perto de si. Dormia de bruços e olhou por baixo dos braços. Viu que um menino se levantava e se aproximava cautelosamente do canto do Pirulito. Pedro Bala, no meio do sono em que estava, pensou, a princípio, que se tratasse de um caso de pederastia. E ficou atento para expulsar o passivo do grupo, pois uma das leis do grupo 30 era que não admitiriam pederastas passivos. Mas acordou completamente e logo recordou que era impossível, pois Pirulito não era dessas coisas. Devia se tratar de furto. Realmente o garoto já abria o baú de Pirulito. Pedro Bala se atirou em cima dele. A luta foi rápida. Pirulito acordou, mas os demais dormiam.

- Tu tá roubando um companheiro?

O outro ficou calado, coçando o queixo ferido. Pedro Bala continuou:

- Amanhã tu vai embora... Não quero mais tu com a gente, Vai ficar com a gente de Ezequiel, que vive roubando uns dos outros. (AMADO, 2009, P. 45)

O autor nos mostra mais uma vez, que os integrantes do grupo precisam ser fiéis às suas leis, quem se desviasse delas sofreria um castigo, um deles era a expulsão permanente do Bando. Fazendo uma comparação; podemos comparar o bando com um grupo social, é preciso seguir as regras, os padrões para permanecerem no grupo. Amado sintetiza que eles criaram uma sociedade organizada com leis à sua própria maneira.

No episódio “AS LUZES DO CARROSSEL”, O dono do carrossel Nhozinho convida Volta Seca e Sem Pernas para ajudar no serviço do carrossel, os dois ficaram animadíssimos. E numa noite todos do bando foram com Volta Seca e Sem Pernas para ver o carrossel:

O sertanejo trepou no carrossel, deu corda na pianola e começou a música de uma valsa antiga. O rosto sombrio de Volta Seca se abria num sorriso. Espiava a pianola, espiava os meninos envoltos em alegria. Escutavam religiosamente aquela música que saía do bojo do carrossel na magia da noite da cidade da Bahia só para os ouvidos aventureiros e pobres dos Capitães da Areia. [...] Então a luz da lua se estendeu sobre todos, as estrelas brilharam ainda

mais no céu, o mar ficou de todo manso, [...]. Neste momento de música eles sentiram-se uns aos outros, se sentiram irmãos porque eram todos eles sem carinho e sem conforto e agora tinham o carinho e conforto da música (AMADO, 2009, p. 66).

Nesse momento o autor salienta que os personagens se entregam ao mundo da imaginação, por pouco tempo eles esquecem a vida miserável e sem esperança que vivem e se aventuram no carrossel, eles podem sentir por uma fração de segundos que é infância de verdade. Na verdade tudo o que eles queriam, era poder brincar, sorrir, ser uma criança de verdade como as outras, com os mesmos direitos, desabrochar o sentimento de pertencimento.

Apesar da miséria dos meninos desamparados, da alienação de alguns deles, o romance termina positivamente, pois Jorge Amado irá concentrar em Pedro Bala toda sua crença na força do homem, em seu poder para modificar o destino, por meio da luta, por meio da ação. Assim, acaba por deixar clara a sua concepção de romance: um tipo de narrativa que se presta a desalienar e a conscientizar o homem, não só lhe chamando a atenção para as mazelas sociais, como também indicando-lhe o caminho da redenção (GOMES, 1996, p. 56 apud SOUSA, Douglas 2017).

Milton Hatoum no Posfácio: O carrossel das crianças: ainda enfatiza:

A meu ver, este romance de Jorge Amado antecipou de um modo lúcido e incisivo a vida das crianças que esmolam nas ruas das cidades brasileiras. E essa é uma das mensagens mais poderosas de *Capitães da Areia*. Hoje, a violência urbana tem uma relação estreita com o tráfico de drogas, enquanto os meninos desta obra de ficção furtam para sobreviver. Mas até certo ponto, as raízes do problema são as mesmas: a ausência da família e da escola, agravada pela vida degradante nas favelas e cortiços de tantas cidades. (HATOUM, 2009, p. 265).

Apesar de tantos anos desde sua publicação, a obra *Capitães da Areia* é referência para estudos acerca das desigualdades sociais que hoje são presentes em nosso país e que o progresso para resolução dessas desigualdades pouco evoluíram, mostra ainda que este país precisa valorizar e cuidar das crianças e dos jovens que vivem em situação de descaso familiar e social.

5 NEGLIGÊNCIA CONTRA O BEM ESTAR SOCIAL

Em *Capitães da Areia* percebemos até que ponto chega às desigualdades sociais, as classes que são oprimidas pela sociedade, que vivem uma realidade imutável, conformadas a viver na pobreza servindo às classes dominantes, esta triste realidade das crianças abandonadas, seja a doença ou peste, tudo está ligado à desigualdade social, enquanto os ricos recebem vacinas e tratamento, os pobres morrem em razão da epidemia. E essa conformação com condições indignas de viver que é o objetivo das classes dominantes para que possam manter seu poder sobre as classes baixas.

A violência é mais uma das consequências das desigualdades sociais, os jovens que cometiam atos imprudentes eram enviados para um reformatório, sofriam maus tratos, não tinham alimentação adequada e eram tratados com hostilidades, como afirma o personagem Padre José Pedro:

“Sr. Redator do "Jornal da Tarde" Saudações em Cristo. Tendo lido no vosso conceituado jornal a carta de Maria Ricardina que apelava para mim como pessoa que podia esclarecer o que é a vida das crianças recolhidas ao Reformatório de Menores, sou obrigado a sair da obscuridade em que vivo para vir vos dizer que infelizmente Maria Ricardina tem razão. As crianças no aludido reformatório são tratadas como feras, essa é a verdade. Esqueceram a lição do suave Mestre, Sr. Redator, e em vez de conquistarem as crianças com bons tratos, fazem-nas mais revoltadas ainda com espancamentos seguidos e castigos físicos verdadeiramente desumanos. Eu tenho ido lá levar às crianças o consolo da religião e as encontro pouco dispostas a aceita-los devido naturalmente ao ódio que estão acumulando naqueles jovens corações tão dignos de piedade. O que tenho visto, Sr. Redator, daria um volume. Muito grato pela atenção. Servo em Cristo, Padre José Pedro.(AMADO,2009,p.18)

De acordo com a carta escrita ao jornal da tarde pelo padre José Pedro, é possível ver as negligências que essas crianças e jovens que residiam no reformatório enfrentavam e era nesse submundo de hostilidade, negligências, desprezo e fome que os jovens *Capitães da Areia* lutam para sobreviver.

Além desses problemas, os menores ainda tinham que lidar com as doenças:

“Por vezes morria um de moléstia que ninguém sabia tratar. Quando calhava vir o padre José Pedro, ou a mãe-de-santo Don’Aninha ou também o Querido-de-Deus, o doente tinha algum remédio. Nunca, porém, era como um menino que tem a sua casa.”

Quando um dos membros do grupo padece com a bexiga, os jovens capitães se desesperam ainda mais, pois percebem mais do que nunca que não tem assistência para eles, pobre não tem vez era morte certa.

Nesse momento da narrativa quando a bexiga cai sobre os pobres, Amado denuncia mais uma negligência contra a classe baixa, a população pobre é devastada pela doença, o caos na saúde é um dos principais efeitos das desigualdades sociais.

Nesse contexto surge a personagem Dora, cuja mãe faleceu devido a doença:

Dora tinha treze para catorze anos, os seios já haviam começado a surgir sob o vestido, parecia uma mulherzinha, muito séria, a buscar remédios para a mãe, a tratar dela. Margarida melhorou quando já os violões recomeçavam a tocar no morro, porque a epidemia de varíola tinha se acabado. A música voltou a dominar as noites no morro e margarida, se bem ainda não estivesse completamente boa, foi á casa de algumas de suas freguesas em busca de roupa. Voltou com a trouxa nas costas, se atirou para a fonte. Trabalhou o dia todo, sob o sol e a chuva que caiu pela tarde. No outro dia não voltou ao trabalho porque recaiu do alastrim e a recaída é sempre terrível.(AMADO 2009 pag163-164)

Dora assiste sua mãe padecer com a doença, pois precisa trabalhar para manter a família, Amado mostra que a morte da lavadeira Margarida poderia ser evitada se ela tivesse tempo para descansar e se cuidar mais a necessidade sustentar a casa a levou sucumbir com a doença, agora Dora e Zé Fuinha estão na rua, sem casa e órfãos de pai e de mãe. Dora segue pelas ruas com seu irmão Zé Fuinha, cansados com fome, sujos sem teto, encontra o Professor e segue com ele rumo ao velho trapiche.

A presença feminina de Dora, que não é bem aceita pelos meninos no início, muda rapidamente, pois ela se adapta ao grupo é “a saída de sua condição de menina-mulher para a de menino-adulto” (ALMEIDA, 2012 p. 7). Aprende de tudo, a roubar, a manusear a navalha e torna-se uma verdadeira capitã, mãe e irmã para os meninos do bando.

Andava com eles pelas ruas, igual a um dos Capitães da Areia. Já não achava a cidade inimiga. Agora a amava também, aprendia a andar nos becos, a pongoar nos bondes, nos automóveis em disparada. Era ágil como o mais ágil. (...) Dizia o professor: – Era valente como um homem... (AMADO, 1997, p. 178 e 179)

Contudo, o fim de Dora é triste, pois morre precocemente, mais uma evidencia das negligencias que os meninos de rua sofriam, mostra ainda como a periferia, a classe baixa, sofria com o caos na saúde, não tinham sequer os direitos básicos, pois o sistema direcionado às assistências básicas eram simplesmente corruptos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa, percebe-se que as problemáticas retratadas na obra *Capitães da Areia*; Pobreza, Marginalização, Infância abandonada e Desigualdades sociais ainda não foram superadas após tantos anos desde a publicação da obra. Contudo, não há destino imutável, é sim possível partir das lutas contra a miséria, a pobreza descriminação, conseguir mudanças.

O autor constrói ao longo de cada capítulo os destinos dos personagens, lado a lado na luta pelos direitos e sobrevivência do bando, evidencia ainda como o descaso dos órgãos governamentais da Baía, tratavam com muita hostilidade os menores marginalizados, sem dar qualquer tipo de assistência adequada, a única assistência era violência.

Amado sem dúvidas foi um grande defensor das classes baixas, através da obra ele transmite uma mensagem no sentido de garantir os direitos a todos, não apenas às crianças abandonadas, mais a todos aqueles marginalizados que o bando *Capitães da Areia* representa.

O contexto social da obra reflete uma sociedade marcada pelo preconceito, e descriminação, uma sociedade em que pobres não tem vez, apenas ricos possuem direito, reflete ainda a luta dos trabalhadores pelos seus direitos, enfatiza ainda o desejo dessas dos menores abandonados de evoluírem para algo melhor, de terem família, lar e comida todos os dias. Afinal, esse desejo representa toda a periferia baiana.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ivone Maria Xavier de Amorim. A obra literária como texto etnográfico: notas sobre Meninos de Rua e Feminilidade em Capitães da Areia de Jorge Amado. Universidade da Amazônia, 2012.

AMADO, Jorge. Capitães da Areia. Posfácio de Milton Hatoum. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008

CANDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade. 9 ed. Rio de Janeiro, 2006

CANDIDO, Antônio. A Revolução de 1930 e a Cultura, *Simpósio sobre a revolução de 1930 no Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, 1980.

DIMENSTEIN, Gilberto. O cidadão de papel: a infância e a adolescência e os direitos humanos no Brasil. 10 ed. São Paulo: Ática, 1995.

“CAPITÃES DA AREIA”: APONTAMENTOS DE UMA LEITURA CRÍTICA, Disponível em: <http://cedecaceara.org.br/site/index.php/2010/01/29/350/> Acesso em 15/09/2020

DUARTE, Eduardo de Assis. Classe, gênero, etnia: povo e público na ficção de Jorge Amado. In: Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado. Nº 3. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997.

DUARTE, Eduardo de Assis. Jorge Amado: leitura e cidadania. Curitiba: Juruá, 2004.

FIGUEIREDO, Ediliane Lopes Leite. Literatura e Direito: teias de conexão. In: Anais do 1º CIELLI – Colóquio internacional de estudos linguísticos e literários. 4º CELLI – Colóquio de estudos linguísticos e literários. Universidade Estadual de Maringá – UEM. Maringá-PR, 9,10 e 11 de junho de 2010.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. Caderno de leituras: A Literatura de Jorge Amado. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

INJUSTIÇAS SOCIAIS E MARGINALIZAÇÃO, SOB A ÓTICA DE CAPITÃES DA

AREIA DE JORGE AMADO Disponível em:

<https://www.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais-2017/XXII> Acesso em 30/10/2020

KOTHE, Flávio R. O herói. 2 ed. São Paulo: Atira, 2000.

KUHLMANN, Jr., Moysé. A circulação das idéias sobre a educação das crianças: Brasil, início do século XX*. In: FREITAS, Marcos Cezar & KUHLMANN, Jr., Moysés; (ORGs.). Os intelectuais na história da infância. São Paulo: Cortez, 2002.

Os « capitães da areia » de Jorge Amado: histórias de vida na cidade da Bahia, Disponível em: <https://journals.openedition.org/amerika/4676> Acesso em 30/09/2020

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder [et al] (org.). Linguagens da violência. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SOUSA, Douglas de. Da realidade à ficção Notas de uma literatura social em Capitães da Areia, de Jorge Amado.